

Várias vilas formam a paisagem do Matatu

Moradores gostam da limpeza e tranquilidade, mas reivindicam uma praça para o lazer.

Ao contrário do que acontece em outros bairros de Salvador, os moradores do Matatu, em Brotas, não têm muito do que se queixar por lá. Apesar de bastante popular, o bairro é tranquilo, limpo e quase não se houve falar na ocorrência de assaltos pelas redondezas. Nos últimos 10 anos, o Matatu cresceu consideravelmente e pouca gente sabe explicar o porquê da quase inexistência de problemas como falta d'água, violência e falta de policiamento.

Pertencente ao Distrito de Brotas, o Matatu está dividido em vários minibairros como o Vila Laura, Raul Leite, São Geraldo, Rio Amazonas, principal centro devido à instalação de maior parte do comércio local, Rio Tocantins, Adelaide Guimarães e Luis Anselmo, onde está enraizado, a cinco gerações, o Terreiro de Olga de Alaketo, conhecido nacionalmente e

frequentado por pessoas ilustres como ministros e políticos de destaque.

"Aqui é sossegado e bom de morar. As ruas são limpas e não temos problemas. Sinto dificuldade apenas quando preciso fazer compras porque tenho que ir até a cidade", disse João Augusto, 74 anos e dono de uma barraca na rua Luis Anselmo. Quem já teve oportunidade de dar uma volta pelo Matatu, conhecendo pelo menos algumas de suas ruas, viu cenas atualmente difíceis de serem encontradas na capital. O que mais chama atenção é a limpeza do local e a tranquilidade de se poder andar sem o intenso movimento de carros. O ar puro do bairro é uma conquista quase que exclusiva dos moradores em conservar o verde existente.

COMÉRCIO

O comércio é mais ou menos estru-

turado, com supermercado, farmácia, padaria e açougues, entre outros ramos de negócios. Porém, uma das poucas queixas dos moradores diz respeito à distância com relação aos minibairros. Por exemplo, a instalação de uma grande farmácia que atenda às necessidades de quem mora já no final da rua Luis Anselmo ou Vila Laura, é um dos desejos da comunidade que tem de se deslocar até a avenida Rio Amazonas para adquirir qualquer medicamento. Outros anseios dos moradores do Matatu são novas lojas comerciais, proporcionando mais opções de compras, uma praça com área de lazer, que não existe, e um colégio para que as crianças não precisem tomar ônibus para estudar.

Quem nasceu e se criou no bairro tem boas lembranças. É o caso de Valdomiro Conceição, 47 anos, quando diz que o Matatu não era nada a não ser mato e que no lugar onde, hoje, foram construídos prédios altos havia uma coqueira onde todos iam buscar leite puro pela manhã. Um dos prazeres que o bairro proporcionava a seus moradores era, segundo Valdomiro, a fonte de água, onde mãe e filhos passavam quase todo o dia quando era preciso lavar roupa. "Minha mãe, disse ele, criou a gente praticamente na fonte. Ela ia lavar roupa e levava todo mundo. A gente comia lá mesmo. A refeição, papa de farinha, era esquentada em fogareiro e depois era só brincadeira. Quando a roupa estava seca já era noite, e aí voltava para casa. Foi assim todo o tempo".

PLANTAÇÃO

Atualmente o bairro do Matatu ainda tem muito verde e as plantações, tanto de jaca, como de manga, sempre fizeram parte da vida das pessoas por lá. Com o desenvolvimento urbano, parte das árvores foi retirada para dar lugar a edifícios bonitos. Isso, na opinião dos moradores, é bom porque valoriza o bairro que praticamente evoluiu às custas deles mesmos. Um exemplo disso foi o primeiro calçamento da rua Luis Anselmo, feito pela comunidade em mutirão e com ajuda de "seu Edgar", um morador rico, que tinha carro e se sentia prejudicado pelos buracos e lama da rua. "Na época foi bom para ele e melhor para nós", disse Valdomiro Conceição. Outro trecho do Matatu que também tem história é o atual "Beco do 80", que era um barranco quase da altura de uma casa e que os moradores, munidos de picaretas, tiraram toda a terra para construir suas casas.

"Nós moramos num bairro privilegiado", diz Lourival Santaba, 51 anos e há 25 negociando com um mercado no Matatu, "não temos problemas com falta d'água, rede de esgotos, energia ou mesmo ônibus. Somos bem servidos de transporte coletivo. Isso ninguém pode se queixar aqui".

Olga de Alaketo sempre viveu no bairro

Se existe uma tradição no bairro do Matatu que praticamente todos têm conhecimentos, chama-se Olga de Alaketo. Com 61 anos recém-completados, Olga nasceu e se criou naquele bairro ao som dos atabaques no seu terreiro que já conta com cinco gerações. O terreiro que funciona na casa de número 67 da rua Luis Anselmo, tem 345 anos, e sobre a veracidade do fato, diz ela: "os estatutos estão aí para provar o que digo".

Pouco paciente, estava fazendo as unhas numa manicure perto da sua casa e se preparando pra viajar, Olga, a princípio, não queria falar/Disse estar "cheia de obrigações e com pouca disposição para entrevistas". O assunto, para surpresa dela, não era sobre o trabalho que desenvolve

há anos no seu terreiro, e sim, para dizer como é viver no Matatu todos esses anos. Ela começou dizendo que o lugar "tá uma verdadeira cidade". Como ninguém nunca está satisfeito, ela colocou que estão faltando algumas coisas para que o bairro fique ainda melhor. Duas vontades que gostaria de ver atendidas são a instalação de uma farmácia em qualquer ponto da rua Luis Anselmo, onde mora, e um colégio para as crianças do bairro.

O "Antigo Matatu, como até hoje chama o lugar onde mora, não tinha nada, diz ela. "As casas eram salteadas nas ruas estreitas e cheias de árvores e a gente podia até deixar as janelas e portas abertas". "Hoje, prossegue, o lugar continua tranquilo,

tem policiamento e não se sente falta de muita coisa. Mesmo assim a gente precisa tomar cuidado com as crianças na rua e com os ladrões também". Sobre as melhorias no bairro, ela falou que, devido às amizades que têm com pessoas importantes, esse fato ajudou muito, no entanto, prefere que outros moradores reconheçam e falem sobre isso.

Não resta dúvida que os moradores do Matatu são gratos à Olga pelos benefícios conseguidos através do prestígio dela, pois todos sabem que personalidades ilustres frequentam o terreiro, como ministros, secretários, artistas e outros mais. Um detalhe interessante é que ela não cita um nome sequer.